

# DOSSIÊ: Pragmatismo e reconhecimento: formas plurais de fazer o comum.

**Apresentação: Fabio Reis Mota**

Este Dossiê é fruto de muitos encontros que foram tecidos por percursos indeterminados da vida, pois assim como gostam de enfatizar muitos dos pragmatistas, de hoje e de outrora, a vida não é feita senão de percursos sinuosos em que a imprevisibilidade, incerteza, incompreensão e conflitos emergem como o *modus operandi* de fazer o social e construir o comum.

Ele nasce, em certa medida, da reunião de dois cientistas sociais que casualmente se encontraram em um seminário organizado pela professora Lícia de Prado Valadares em 1988 no antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), em uma mesa redonda dentre os quais estavam Isaac Joseph e Roberto Kant de Lima. Foi na extensão da mesa, em uma delegacia de polícia que Isaac Joseph, junto aos demais participantes, teve a chance de conhecer o então palestrante Roberto Kant que havia, ao ser inquisitorialmente inquirido por um membro da plateia, convidado a todos e todas para um *tour* por uma delegacia com o intuito de demonstrar que suas interpretações antropológicas não destoavam das apresentadas por ele na mesa e que, portanto, como um bom etnógrafo, se dispunha a colocar à prova da etnografia todas as suas teorizações. Tal situação culminou em seguida no apreço de Isaac Joseph pelo trabalho do colega brasileiro e, deste, para com o colega francês. Todavia, o que era para ser um encontro casual, tornou-se mais tarde em um importante e original Programa de Cooperação bilateral entre a França e o Brasil, por meio do convênio entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e o Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (Capes-Cofecub), do qual Kant coordenara pelo lado brasileiro e Isaac Jopesh pelo lado francês. Estamos falando do ano de 1998, momento no qual o recém criado Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF) e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Université de Paris X celebram a cooperação que se

tornaria importante para uma geração de cientistas sociais seniores e juniores que puderam se beneficiar academicamente e intelectualmente dessa interlocução e da abertura de muitas outras convenções e pontes de diálogos.

Eu, dentre muitos de meus colegas hoje professores e membros da rede de pesquisa da qual faço parte (do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos – InEAC – e do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa – Nufep e PPGA-UFF) e de fora dela (como no caso dos colegas do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência – NECVU – da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – e pesquisadores do antigo Iuperj), fomos inseridos nesse projeto e a partir dele foi possível alargamos e consolidarmos nossas redes de cooperação internacional. Foi como bolsista de doutorado sanduíche no Programa Capes-Cofecub, coordenado pelo meu então orientador à época, Roberto Kant, que tive contato com sociólogos franceses de matriz pragmatista, como Daniel Cefai (que havia substituído Isaac Joseph na coordenação do Capes-Cofecub após seu precoce falecimento), Marc Breviglieri, Luca Pattaroni, Pedro Garcia Sanchez, Nicolas Auray (que falecera também precocemente em 2015), Mathieu Castelbajac, Luc Bolstanski, Laurent Thévenot, Nicolas Dodier, Joan Stavo-Debauge, Lucie Bonet, dentre outros. Os seminários de Daniel Cefai em Paris X na companhia de meus colegas de doutorado, Leticia de Luna Freire, Alexandre Werneck e Gabriel Feltran (hoje professores de importantes instituições de ensino e pesquisa) foram fundamentais para a imersão na tradição pragmatista e pragmática tanto da sociologia americana, como da daquela desenvolvida na França. Do mesmo modo, as ricas discussões nos seminários na École des hautes études em Sciences sociales (EHESS) animadas por Laurent Thévenot foram cruciais para a celebração da relação que consolidamos ao longo dos anos, por meio de diálogos e na participação de seminários conjuntos no Brasil, na França, Portugal ou Argentina (cujo principal diálogo nesse campo tem sido travado com meu colega Gabriel Nardacchione da Universidade de Buenos Aires) e de cooperação institucional, como na orientação da bolsa sanduíche concedida à antropóloga Yolanda Graffrée Ribeiro, então doutoranda, sob minha supervisão, no PPGA, cujo estágio se deu na EHESS sob a orientação de Laurent Thévenot.

Nesse *séjour* parisiense que encontramos eu, Leticia de Luna Freire (hoje professora na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ) e Alexandre Werneck (atualmente professor na UFRJ), o colega português (de origem moçambicana) José Resende, que estava fazendo seu pós-doutoramento sob a supervisão de Boltanski na EHES. Esse nosso encontro imprevisível na calçada da Rue Monsieur Le Prince na saída do café após um seminário de Luc Boltanski renderia futuramente novos frutos institucionais e intelectuais. Os trajetos foram se entrecruzando em Paris e, posteriormente, no Brasil e em Portugal, diante da cooperação bem sucedida que conformamos em 2010 (até 2013) com o Programa de Cooperação Internacional Capes com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) que envolvia a rede de pesquisa coordenada por Resende na Universidade Nova de Lisboa, no Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa (Cesnova), e Kant de Lima no PPGA, Nufep e InEAC na Universidade Federal Fluminense. O Capes-FCT foi, sem sombra de dúvidas, um inesperado desdobramento dessa aliança franco-brasileira entre a sociologia pragmática francesa e a antropologia jurídica e política fluminense, cujos frutos foram positivos para ambas as partes da cooperação com estágios de doutorado, missões de trabalho e inúmeras publicações conjuntas. Os problemas relacionados à gestão da diferença no ambiente escolar tornaram-se pontos de convergências às problemáticas que informavam minhas pesquisas e de muitos outros colegas da rede de pesquisadores da UFF.

Do mesmo modo, foi na França, pelas relações estabelecidas entre Marco Antonio da Silva Mello, professor e pesquisador do PPGA e do Nufep e InEAC, que os laços com Alain Bategay foram estreitados, pois este já havia trabalhado muitos anos com Isaac Joseph em muitas de suas pesquisas, nomeadamente em seu original trabalho etnográfico nos metrô parisienses, e mais recentemente colocado em curso trabalhos etnográficos sobre os mercados étnicos e as políticas das memórias e do reconhecimento na França e Europa. Mello fora apresentado a Bategay por Isaac Joseph, sendo que suas interlocuções com o colega francês se tornariam mais sólidas após a partida precoce de Isaac Joseph, sobretudo por intermédio dos laços profissionais e de amizade comuns com Pedro Garcia Sanchez, atualmente professor na Universidade de Paris X. No momento

em que me encontrava em estágio doutoral, fomos eu, Marco Antonio da Silva Mello, Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto e Alain Battegay realizar um percurso etnográfico no bairro multicultural de Paris, Chateau Rouge (local, aliás, onde me mantive boa parte de minha estadia fazendo campo na companhia de meu colega e hoje amigo Moise Udino, que viera a publicar posteriormente um livro acerca do reconhecimento negativo aportado aos antilhanos que migram à Metr pole), permitindo uma rica conversação com um de seus amigos e interlocutores acerca das questões das políticas habitacionais devotadas à mistura entre franceses e imigrantes e suas implicações nas políticas de integração e reconhecimento na França. As discussões de Alain Battegay sobre as políticas de reconhecimento ganharam lugar de destaque nas conversações e reuniões em Paris ou na ocasião de sua vinda, a convite meu, a uma mesa redonda na Reunião Brasileira de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Nessa mesa, além de mim, José Resende e Alain Battegay, encontrava-se o professor Luís Roberto Cardoso de Oliveira, atualmente vice-coordenador do InEAC, cujas reflexões seminais sobre as dimensões simbólicas e morais do direito, do insulto e da consideração têm sido fonte inspiradora para quem reflete sobre as características das políticas de reconhecimento na atualidade. Como presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) estimulou a consolidação dessa interlocução, por exemplo, por meio dos convites formulados aos colegas franceses, em especial Laurent Thévenot, para participarem das reuniões da ABA e das reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM). Em uma das vindas a convite do então presidente da ABA, Luís Roberto Cardoso de Oliveira, que a segunda edição do Capes-Cofecub passou a ganhar corpo com as conversas estabelecidas entre os já conhecidos – desde a época em que o projeto era coordenado por Roberto Kant de Lima e Isaac Joseph –, Marco Antonio da Silva Mello e Laurent Thévenot. A celebração desse segundo Capes-Cofecub foi também importante para a circulação das pesquisas e dos pesquisadores da França e do Brasil, sob a coordenação de Marco Antônio da S. Mello (do lado brasileiro) e Laurent Thévenot (do lado francês), já no ano de 2010. Esta nova cooperação abriu flanco para o aprimoramento dos laços acadêmicos e intelectuais entre nós e nossos parceiros franceses, como Thévenot, Marc Breviglieri e Luca Patta-

roni, nomeadamente, e no Brasil ampliando as interlocuções com meus colegas Jussara Freire da UFF de Campos dos Goytacazes, Diogo Silva Corrêa, Frédéric Vandenberghe e Gabriel Peters (ambos do grupo Sociophilo da UFRJ), assim como com a colega da Universidade de Brasília (UnB), Sayonara Leal.

Em grande medida, todas essas conversações aqui ou fora do Brasil foram animadas por questões de natureza empírica e etnográfica, cujos epicentros de discussões encontram eco nas políticas de reconhecimento e nos modos como elas refletem nas formas de administração de conflitos e nas dinâmicas críticas dos atores para formularem suas demandas de justiça e direito. Elas, sobretudo, se informaram pelo respeito mútuo e consideração e, particularmente, pela simetria nas posições e vozes.

Portanto, o dossiê que ora apresento ao público é fruto de muitas idas e vindas, de conversações, entendimentos, divergências, de amizade e coleguismo. Ele é fruto, sobretudo, do enorme desejo de poder contribuir com a compreensão dos problemas que atingem as sociedades contemporâneas a partir de um diálogo entre as contribuições do pragmatismo e das teorias do reconhecimento. Estamos diante de um trabalho coletivo que hoje ganha abrigo no InEAC, no Nufep e no PPGA da UFF e se nutre de um diálogo entrecruzado entre perspectivas e teorias distintas diante das diferenças entre as sociologias e antropologias implicadas nesse engajamento conversacional nem sempre evidente. É um trabalho que entrecruza os olhares, emprestando uma perspectiva reflexiva sobre as formas pelas quais o social se realiza em sua pluralidade, diversidade e heterogeneidade. O ponto de vista comparativo entre quadros sociais e analíticos diversos mobilizados nas reflexões dos artigos que estão reunidos nesse dossiê demonstra a fecundidade do pensamento sociológico e antropológico contemporâneo e suas contribuições para a compreensão sobre o fazer o comum e reconhecer ou desconhecer o outro. Temas importantes em um contexto no qual a desigualdade, a intolerância, a indignidade e a desumanidade parecem colocar em evidência a complexidade que consiste o viver em sociedade na contemporaneidade.

Portanto, desejos a todos uma boa e proveitosa leitura!